

O Mundo como um teatro

O encenador Declan Donnellan e o cenógrafo Nick Ormerod fundaram em 1981 a companhia Cheek by Jowl. Baseada em Inglaterra, esta estrutura acabou por ganhar um alcance internacional, tendo já montado espectáculos com elencos franceses, russos e italianos. Desta vez, a dupla de criadores ingleses aportou em Espanha, para dirigir *A vida é sonho*, de Pedro Calderón de la Barca. Donnellan — autor do livro de formação para actores *The actor and the target* — descreve da seguinte forma a sua abordagem àquela que será, porventura, a obra mais célebre do *siglo de oro* espanhol: “Um príncipe acorrentado a uma montanha. Uma jovem disfarçada de homem em busca de vingança: revolução, amor, assassinato. Será que a realidade é mesmo real? Ou tudo não passa de um sonho? Os clássicos perduram porque tratam do *agora* — hoje como há quatrocentos anos. Fazer ou ser?”

Calderón demonstra-nos que o nosso principal terror não é a morte, mas a própria existência em si mesma”.

O tema de *A vida é sonho* relaciona-se com o de uma outra peça de Calderón, *A filha do ar*, e também com o de um texto muito mais antigo, da Grécia Clássica: *o Édipo rei*, de Sófocles. Num caso e noutro, estamos perante príncipes e princesas prisioneiros, desterrados, e expulsos da comunidade devido a uma maldição da qual não podem escapar — no final, serão coroados reis. Desejos ocultos, medos inconfessáveis, jogos de poder, falsas identidades. O Mundo como um teatro, e o teatro como representação do Mundo; a realidade como sonho e a identidade como disfarce. Temas que são tanto barrocos quanto nossos.

Estreada em Sevilha, esta criação fez carreira em Madrid no final do ano passado, encontrando-se em digressão desde aí. Para o *El País*, “Donnellan transforma a peça



© Javier Naval

de Pedro Calderón de la Barca uma movimentada ‘comédia de portas’, sem que se perca um ápice do seu pendor iminentemente trágico”, ao

passo que para o *ABC* este clássico “ganha claramente funcionalidade e agilidade na leitura inovadora do encenador inglês”.

À banca, à banca!...

Já visitou a banca de livros do Festival? Fica por detrás da bilheteira da Escola D. António da Costa. Aí encontra à venda várias publicações sobre teatro e cenografia, e também todas as edições da Companhia de Teatro de Almada, como as colecções *O sentido dos Mestres* (nove números), *Textos d'Almada* (81 números), *Teatro* (35 peças), uma tese de Mestrado de Rita Henriques sobre o Festival, uma biografia de Joaquim Benite, escrita por Maria Helena Serôdio, e cinco catálogos sobre o Festival e o percurso da Companhia de Teatro de Almada desde a sua fundação, em 1971.

Estão também disponíveis livros e revistas de teatro estrangeiros, e *merchandising* do Festival, como sacos, canecas, t-shirts, etc..



© Patrícia Martins

Que vença o melhor

Como é habitual, no último dia do Festival o público votará no espectáculo que quer voltar a ver para o ano. Quando entrar no último espectáculo do último dia do Festival, ser-lhe-á dado um boletim de voto para escolher o Espectáculo de Honra de 2024. A peça vencedora será anunciada no final de *Une cérémonie*, no Palco Grande.

Os espectáculos que este ano se encontra a votação são: *¡Que salga Aristófanes!*; *Aquilo que ouvíamos*; *Não andes nua pela casa*; *Montanha-russa*; *Optraken*; *Ulysse de Taourirt*; *Suécia*; *Eins Zwei Drei*; *Minuit*; *Calvário*; *La enciclopédia del dolor. Tomo I: esto que no salga de aqui*; *Ventos do apocalipse*;

Jogging; e *A equipa*.

Também no último dia do Festival, antes do espectáculo do Palco Grande, serão anunciados os vencedores do Prémio Internacional de Jornalismo Carlos Porto, entregue pela Câmara Municipal de Almada. O Prémio divide-se em três categorias: Grande Prémio Carlos Porto; Prémio Carlos Porto imprensa generalista; e Prémio Carlos Porto imprensa especializada. Este prémio internacional de jornalismo foi instituído em homenagem ao crítico de teatro e dramaturgo português desaparecido em 2008, e destina-se a galardoar os autores dos melhores textos, ou conjunto de textos, publicados na imprensa portuguesa e estrangeira, tendo por objecto o Festival de Almada.

Da Galiza

O mar na parede

Quando amanhã se sentar na Esplanada para conversar com o público sobre a sua *A enciclopédia da dor*, Pablo Fidalgo continuará com a missão em que se empenhou, que não se esgota na 'ficção documental' e que tem como missão romper os silêncios sobre os abusos sexuais nos colégios religiosos espanhóis: "Ando a investigar como é que, durante décadas, todo um país soterrou esta realidade". A conversa, às 18h00, será moderada pela jornalista Catarina Neves.

Que desafios oculta a proposta para que enfrentemos um mar vertical? "Desde logo, um certo desconcerto de perspectiva", responde Noé Sendas — o autor do cartaz do Festival deste ano — acerca do título que escolheu para designar a instalação que por estes dias tomou conta de um espaço histórico no coração de Almada Velha, baptizado pelo tempo como Salão das Carochas.

Este espaço foi uma ermida, um teatro, um cinema, e uma sala de convívio e ginásio de uma associação recreativa que se chamava

Grupo Desportivo e Cultural de Almada. Agora a nave vazia, com uma plateia que Noé Sendas virou de costas para o palco, revela um mundo decomposto, de imagens de estátuas clássicas onde o mar se mistura, e onde se esconde uma surpresa entre cadeiras. A ideia, explica o artista, foi a de "proporcionar uma experiência imersiva em vários tempos, sobrepondo numa breve experiência várias camadas, como placas. E que a partir daí cada um se aproprie desse mesmo espaço e construa algo que seja só seu".



© Patrícia Martins

Um Festival sem concorrência

Como agora se usa dizer, a relação de Lourenço Macedo com o Festival é uma realidade consolidada. Começou, há meia dúzia de anos, a vir a Almada para acompanhar a mãe e a tia — espectadoras indefectíveis — e agora já não dispensa um ritual que se repete todos os anos, "movido pelo espírito da descoberta".

O que tinha visto até Quarta-feira permitia-lhe concluir desde logo que a safra de 2023 é de grande qualidade: "Desde o Georges Feydeau da Comuna, até aos *Ventos do apocalipse*, passando pelo equilíbrio entre ficção e autobiografia de Hanane Hajj Ali, que é a marca

de *Jogging*, tem sido um ano verdadeiramente muito bom".

A breve conversa que tivemos com Lourenço realizou-se durante uma pausa do curso *O sentido dos Mestres*, que ele frequentou; uma experiência que, revela, lhe tem permitido tomar contacto com a do mundo da produção: "O 'como se faz' é algo com o qual nós nunca nos relacionamos, e esse tema aguçou-me a curiosidade".

Com a excepção destas duas primeiras semanas de Julho, Lourenço Macedo dedica-se à advocacia, na 'volátil' área do Direito da Concorrência. Divide o seu tempo entre Portugal e a Irlanda.



© Patrícia Martins

AGENDA DE AMANHÃ

18:00 | Colóquio

Pablo Fidalgo

Escola D. António da Costa

20:00 | Música

Malotira

Escola D. António da Costa

21:30 | Teatro

La enciclopedia del dolor.

Fórum Romeu Correia

21:30 | Teatro

A equipa

Incrível Almadense

21:30 | Teatro

La vida es sueño

Teatro Municipal Joaquim Benite

Rituais e superstições

TEATROLOGIA

Genésio foi um actor romano especializado em comédias nas quais os cristãos eram ridicularizados. Até que um dia — totalmente transfigurado pela encarnação de uma personagem, durante a recriação dos sacramentos do baptismo — se converteu subitamente ao cristianismo. Genésio pagou com a vida esta sua heresia, praticada na Roma Antiga, e com o tempo tornou-se o santo padroeiro dos actores. Não temos ideia de quantos actores evocam o seu santo antes de entrar em cena, mas o que sabemos é que, em matéria de rituais ou superstições, cada actor é absolutamente único.

Há dias um deles revelou-nos que, durante um tempo, costumava percorrer o palco antes de entrar em cena, à procura de porcas e parafusos perdidos por entre as tábuas. Há quem confesse comprar uma nova peça de roupa interior em cada estreia; e até há quem esparja sal no camarim, só porque apanhou esse hábito com um actor veterano.

Uma parte dos actores não dispensa a 'roda fraternal', que junta todo o elenco em palco, antes de o público entrar. É uma espécie de dança de família, em que se aquece a voz e se esvazia a mente.

É difícil encontrar um actor que tenha a coragem de pronunciar, de forma explícita, o nome daquele animal rastejante, de língua bifurcada e comprida, com veneno no corpo e uma pele que é utilizada para fazer sapatos: dá um azar desgraçado, diz-se. Já para não falar de agradecer quando alguém deseja 'Merda!' antes de uma estreia. // Rui Lagartinho

RESTAURANTE DA ESPLANADA

HOJE

Favas c/ chouriço e entremeadas

Dourado no forno

Tagliatelle gratinada c/ cogumelos

AMANHÃ

Pernas de frango c/ pimentos

Salada fria de bacalhau

Caril de lentilhas e espinafres

APP
FESTIVAL
DE ALMADA

